

JÛM MÃ AJAPRÛ? UMA ANÁLISE SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA DOS NOMES PESSOAIS KRAHÔ

JÛM MÃ AJAPRÛ? A SEMANTIC-PRAGMATIC ANALYSIS OF PERSONAL NAMES KRAHÔ

Edivaldo Wakê Krahô*
 Leticia Jôkâhkwÿj Krahô**
 Maxwell Miranda***

Introdução

*JÛm mã ajaprÛ?*¹ na língua krahô (*mêhĩ jarkwa*), significa *Qual é teu nome?* e é uma pergunta frequentemente dirigida pelos krahô àqueles quando visitam suas aldeias, sejam esses *mêhĩ* (indígena), de outras aldeias, ou *cupẽ* (não indígena). Aos *cupẽ*, é de costume, entre os krahô, oferecer-lhes o “nome” e, em seguida, marcar o “batizado” que se caracteriza como um rito especial de nomeação em que são negociadas e trocadas algumas dádivas, como por exemplo, da parte do nominado, doar certa quantia de

carne de algum animal de médio ou grande porte, como *crôre* (porco) ou *prycác* (gado), enquanto da parte dos membros da comunidade, retribuir o nominado com presentes, como *hôkre xà* (colar), *ipaxê xà* (pulseira), *càhà* (cesto), *pyty* (esteira), entre outros.

O povo Krahô, cuja autodenominação é *mêhĩ* (carne de gente), é um dos povos Timbira (família linguística Jê Setentrional) que habita o cerrado brasileiro, na região norte do estado de Tocantins. Um dos traços mais marcantes da sociedade krahô, bem como de outras sociedades Jê, é a sua organização baseada na divisão e filiação dos indi-

* Professor Indígena da Educação Básica, tendo concluído o Curso de Magistério Indígena ofertado pela Secretaria Estadual de Educação e Cultura do Estado do Tocantins (SEDUC). Acadêmico do Curso de Licenciatura Intercultural, da Universidade Federal de Goiás - UFG (Goiânia/GO/BR).

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás - UFG (Goiânia/GO/BR). leticiakraho@hotmail.com.

*** Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB) e Professor Adjunto I da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (Barra do Garças/MT/BR). maxwellgm1@gmail.com.

1. O título deste trabalho foi inspirado no estudo de Ladeira (1982) sobre a troca de nomes e cônjuges entre os Ramkôkamekra, Apaniekra e Krahô.

víduos em metades que se associam à vida político-administrativa, social e ritual. Com respeito aos ritos, os Krahô mantêm e realizam boa parte deles, considerando seu longo período de contato com a sociedade não indígena, desde o século XIX. Alguns desses ritos envolvem certo tempo de preparação e são realizados em épocas específicas ou fases da vida pessoal do indivíduo. Entre eles, o rito de transmissão de nomes é um dos mais característicos, o qual pode ocorrer de dois modos: (a) um nomeia os indivíduos que nascem no grupo, e (b) o outro nomeia os indivíduos estrangeiros que são incluídos no grupo (MELATTI, 1976, 1978). Nesse artigo, focalizaremos o segundo modo de transmissão do nome pessoal a partir da análise do rito, do ponto de vista linguístico², caracterizando-o como um ato de fala específico, em uma perspectiva pragmática. Analisaremos a estrutura linguística e a semântica dos nomes pessoais, relacionando-os com o papel social que alguns indivíduos, sobretudo do sexo masculino, assumem em alguns ritos krahô de acordo com o nome do qual sejam portadores.

O presente artigo está organizado nas seguintes seções. Na seção 1, apresentamos de modo sucinto o campo de estudo da onomástica; em seguida, na seção 2, situamos a questão relacionada com a nomeação em outras sociedades Jê. A seção 3 apresenta a organização social krahô e os modos pe-

los quais os nomes pessoais são transmitidos. Na seção 4, mostramos como os nomes pessoais – tanto masculinos quanto femininos –, se distribuem em uma das metades – *wacmêjê* e *catàmjê* –, bem como a distribuição dos nomes masculinos no rito *Kêtwa-jê*, em 4.1. A associação entre nomes pessoais e certos papéis sociais desempenhados em alguns ritos é o foco da seção 5. Para exemplificar essa relação, destacamos o rito *jât jôpĩ* (tora da batata). A seção 6 é dedicada à análise linguística dos nomes pessoais mais comuns e à sua semântica no âmbito da onomástica krahô, e outros processos especiais como aquele que forma nomes femininos mediante o acréscimo da palavra *kuyj*. A seção 7, por sua vez, discorre sobre a Teoria dos Atos de Fala, com base em Austin (1990) e Levinson (2010), a partir da qual se fundamenta a análise linguística do discurso proferido no rito de nomeação, na seção 8. As considerações finais destacam a importância da transmissão dos nomes pessoais na sociedade krahô e seus reflexos na estrutura e organização sociais como um todo.

1. Onomástica: uma breve introdução

O ato de nomear é uma das características inerentes do homem. A nomeação de entidades reais e abstratas, desde a antiguidade clássica, especialmente na Grécia An-

2. Nota sobre a ortografia krahô. A maior parte dos grafemas consonantais (letras), indicados por <>, adotados na escrita da língua falada pelos Krahô correspondem aos grafemas do português, como segue: <p>: /p/, <t>: /t/, <qu>, <c>: /k/, <m>: /m/, <n>: /n/, <r>: /r/. O grafema <h> em início de sílaba corresponde a <rh> do português; em final de sílaba, representa a consoante oclusiva glotal /ʔ/ que não possui equivalente em português, bem como o grafema <g> que representa a consoante nasal velar /ŋ/. Os grafemas distintos do português são: <k>: /kh/, uma consoante velar oclusiva surda realizada com uma leve aspiração, <x>: /ts/, consoante africada alveolar surda, e os glíges (semivogais) <j>: /j/ e <w>: /w/. Os grafemas vocálicos são: <a>: /a/, <à>: /ɐ/, <ý>: /ɔ/, <ã>: /ã/, <e>: /e/, <ê>: /e/, <ẽ>: /ẽ/, <i>: /i/, <ĩ>: /ĩ/, <y>: /i/, <ÿ>: /ĩ/, <o>: /ɔ/, <ô>: /o/, <õ>: /õ/, <u>: /u/ e <ũ>.

tiga, foi tomada como um dos principais tópicos de reflexão filosófica, como por exemplo, em *Crátilo*, de Platão. A onomástica (do grego *onoma* = nome) compreende o estudo dos nomes, e mantém íntima relação com outras ciências, como a Antropologia, Astronomia, Arqueologia, Folclore, História, Linguística, Sociologia, entre outras (ALGEO & ALGEO, 2000). No caso da Antropologia, Algeo e Algeo (2000) destacam a contribuição da onomástica, considerando que os “padrões de nomeação para pessoas variam consideravelmente de uma cultura a outra” (p. 265), e que a nomenclatura do indivíduo reflete certos padrões de organização e práticas sociais, sistemas de parentesco, e ainda implica algumas restrições, por exemplo, evitar que o indivíduo fale seu próprio nome, como entre os Kísêdjê (Suyá) (Templey Suyá, comunicação pessoal).

No âmbito da onomástica, comumente, destaca-se o estudo dos nomes próprios, a partir dos quais é comum subdividir em dois tipos principais: nomes de lugar ou *toponímia* e nomes pessoais ou *antroponímia*. Com respeito aos nomes pessoais, Bright (2003) discute a universalidade dos nomes pessoais. Entre os antropólogos, segundo o autor, há um certo folclore em considerar que os nomes pessoais existem em todas as sociedades. Essa concepção advém do fato de que pessoas em pequenas comunidades isoladas não têm nomes pessoais, isto é, os indivíduos não são referidos por nomes específicos para elas, mas por meio de expressões descritivas. Bright (2003), então, levanta as seguintes questões: tal sociedade existe? Tal sociedade é possível? Para o autor, deve-se “perceber que muitas pessoas

no mundo não têm tais sistemas altamente organizados de nomeação pessoal como estamos acostumados em nossas próprias sociedades” (BRIGHT, 2003, p. 672). Partindo dessa premissa, ainda segundo o autor, tais sociedades que fariam uso de expressões descritivas para nomear seus membros não existem e sugere que “que o uso de nomes pessoais, tendo vários níveis de descrição, é um universal sociolinguístico da espécie humana”³ (p. 673).

Contudo, expressões descritivas para nomeação de pessoas parecem ser comuns entre os Canela-Ramkôkamekra, um dos povos Timbira no estado do Maranhão. Crocker (2009), ao mencionar sobre a criação de nomes pessoais nessa sociedade, relata o caso de uma mulher que, com raiva de seu marido, retirou metade das varas da cama de jirau, impedindo-o que se deitasse junto a ela. Ao lembrar da raiva pelo seu marido, posteriormente, deu à filha de seu irmão o nome *pâl-rê* (cama-jirau-jogada-para-baixo). Fatos como esse não foram observados na amostra de nomes pessoais coletados junto aos Krahô e nem na criação espontânea de novos nomes a serem transmitidos, o que indica tratar-se de uma distinção entre os dois povos quanto às estratégias para nomeação de seus indivíduos.

2. Nomenclatura em sociedades Jê: uma visão geral

Alguns autores têm destacado o papel que a nomenclatura desempenha nas sociedades Jê: Lea (1986, 2012), entre os Mëbêngokre Mëtyktire; Lopes da Silva (1986), entre os Xavante; e Juracilda Veiga (2006) en-

3. Texto original: [...] that the use of personal names, having varying levels of descriptiveness, is a sociolinguistic universal of the human species [...] (BRIGHT 2003, p. 673).

tre os Kaingang. Mesmo em se tratando de sociedades que compartilham certos traços culturais e linguísticos, o sistema de nomenclatura difere consideravelmente de uma para outra, nas suas regras de transmissão e nas funções que assume em cada sociedade.

Entre os Kaingang do Sul, a nomenclatura do indivíduo está relacionada à filiação do pai, conforme a sua metade da qual seja pertencente – Kanhrú, Wonhétky, Kame) e Votor. De acordo com Veiga (2006, p. 145), “o nome Kaingang (*jiji*) é uma entidade social e cerimonial: com o *jiji* o indivíduo recebe os papéis sociais e/ou cerimoniais correspondentes ao nome”. Entre as funções cerimoniais correspondentes ao nome pessoal do indivíduo, Veiga (2006) cita a categoria *péin*, que está presente em ambas as metades *kanhrú* e *kamě*. As pessoas portadoras de nomes associados a essa categoria são encarregadas pelos serviços fúnebres, os quais lhes oferecem perigos, segundo a crença de que mesmo após a morte o espírito do indivíduo ainda vagueia pela aldeia dos vivos e deseja levar seus parentes consigo. Outra função cerimonial é a “abertura do buraco” atribuída à seção Votor, ou seja, “a passagem por onde os espíritos dos ancestrais (*ngufõ*) e os espíritos dos mortos (*véinkuprĩng*) vêm participar do *Kikikoi*” (VEIGA, 2006, p. 150).

Outro traço comum à maioria das sociedades Jê reside no fato de que um indivíduo pode ter vários nomes, os quais são adquiridos ao longo de sua vida. Entre os Xavante, de acordo com Silva (1986), há homens que chegam a ter de seis a oito nomes. Contudo, ao contrário de outros povos Jê, no caso Xavante, a atribuição de diferentes nomes em distintas fases da vida está liga-

da às categorias de idade masculinas. Desse modo, “os nomes masculinos Xavante acompanham as passagens cruciais de um homem no processo de maturação biológica e social: são marcas de fases determinadas da vida de um indivíduo” (SILVA, 1986, p. 63-65).

3. Estrutura social e a transmissão dos nomes pessoais entre os Krahô

A divisão das sociedades Jê, de um modo geral, em pares de metades é uma das características mais marcantes desses povos que habitam estas terras: desde a região amazônica – no norte de Mato Grosso, sul e sudeste do Pará; os campos de cerrado – no norte e centro do Tocantins e sul do Maranhão –; até o planalto, nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A nomenclatura dos indivíduos nas culturas Jê é bastante peculiar e é orientada conforme alguns princípios sociais que regulam, em grande parte, seu sistema de parentesco. Nimuendajú (1946, p. 77) menciona sobre a filiação de indivíduos Canela-Ramkokamekra, tanto do sexo masculino quanto feminino, a uma das metades, *kq'makra* e *atų'kmakra*, e destaca que cada pessoa pode adquirir de dois a oito nomes. O autor ainda observa que somente os indivíduos do sexo masculino pertencem a um dos seis grupos da praça. O trabalho de Nimuendajú (1946) fornece-nos também informações sobre as regras de transmissão dos nomes pessoais, entre os Canela-Ramkôkamekra, que “são transferidos aos meninos através da linha matrilinear, às meninas através da linha patrilinear” (p. 78)⁴.

4. Texto original: “[names] are transferred to boys through the matrilinear line, to girls through the patrilinear line” (NIMUENDAJÚ, 1946, p. 78)

A sociedade krahô divide-se em duas metades principais: *catãmjê* e *wacmêjê*. Essas metades associam-se a uma série de elementos simbólicos que opõem entre si, sendo, portanto, um traço típico das sociedades dualistas (LÉVI-STRAUSS, 1982). A primeira metade associa-se ao período chuvoso (*tah-ti*), à noite (*awcapât*), à lua (*pytwrÿ*), à periferia da aldeia (*krĩ cape*), enquanto a segunda metade relaciona-se ao período seco (*ĩncrà*), ao dia (*amcro*), ao Sol (*pyt*) e ao pátio da aldeia (*kà*) (MELATTI, 1978). A essas metades, semelhante à sociedade Canela-Ramkókamekra, filia-se uma série de nomes pessoais (MELATTI, 1973, 1976, 1978)⁵.

Indivíduos de ambos os sexos são distribuídos em uma das metades, *wacmêjê* ou *catãmjê*, de acordo com o seu nome pessoal. Entre os Krahô, para os indivíduos nascidos no grupo, os nomes pessoais são transmitidos pelos parentes consanguíneos. Aos do sexo masculino, transmite-se o nome do irmão da mãe, pai da mãe, o pai do pai e seus primos paralelos, o qual é tratado pelo nome *quêtiti* pelo indivíduo que recebeu seu nome, e esse é tratado pelo nome *ipantu* pelo seu nominador. Já os indivíduos do sexo feminino é transmitido o nome da irmã do pai, mãe do pai, filha da irmã do pai, mãe da mãe e suas primas paralelas. Referem-se à sua nominadora pelo nome *tyj*, a qual se refere à pessoa a quem lhe transmitiu seu nome pelo termo *ipantu* (MELATTI, 1976, p. 4). Já a transmissão de nomes pessoais a não-indígenas – geralmente são pessoas com as quais os Krahô se relacionam diária ou eventualmente, e têm relações amis-

tosas –, ocorre quando qualquer indivíduo quer repassar seu nome a outra pessoa e essa o aceita, sem que haja qualquer vínculo consanguíneo. Como o foco do presente artigo é o segundo modo de transmissão de nome pessoal, é provável que o discurso proferido difira em conteúdo e estrutura daquele para os membros nascidos no grupo. Por não dispormos de dados que confirmem essa hipótese, analisaremos, do ponto de vista linguístico, o discurso usado no rito de nomeação.

Além dessa divisão principal, cujos reflexos incidem sobre o nome do indivíduo, há outros ritos que se organizam de acordo com o nome pessoal, como o *kêtwajê* (caris novos) e *jât jôpĩ* (tora da batata). No rito do *kêtwajê*, somente os indivíduos do sexo masculino são agrupados em um dos oito grupos que constituem as metades *kàj rum pê càxà* (partido do lado de cima), ficando a leste, e *harã rum pê càxà* (partido do lado de baixo), a oeste da praça, com quatro grupos em cada metade. A Figura 1, na seção 4, ilustra a distribuição dos grupos das metades *kàj rum pê càxà* e *harã rum pê càxà* (MELATTI, 1976).

Melatti (1976), em seu artigo, *Nominadores e genitores: um aspecto do dualismo kraô*⁶, oferece-nos descrição e análise sistemáticas dos princípios socioculturais que norteiam o sistema de transmissão dos nomes pessoais do povo Krahô. Nesse trabalho, o autor distingue dois conjuntos de parentesco consanguíneos: nominadores e genitores. A distinção entre esses dois conjuntos, em princípio, não pressupõe uma rela-

5. A recorrência de nomes pessoais pode variar de uma aldeia para outra. Nesse estudo, apresentamos os nomes mais recorrentes na aldeia Cachoeira.

6. Embora Melatti (1976) forneça importantes informações sobre o sistema de nomeação krahô, bem como suas regras de transmissão, não apresenta o conjunto de nomes pessoais que são categorizados em cada uma das metades e submetades cerimoniais.

ção de oposição, mas de complementaridade. Aos genitores compete a geração e formação biológica do indivíduo, enquanto aos nominadores é-lhes reservada a formação social do indivíduo através da transmissão do seu nome, transferindo-lhe certas funções e prerrogativas no âmbito da vida sociocultural e da relação com outras pessoas.

Melatti (1973, 1976) ainda destaca a figura de personagem que é encarnada, com respeito aos papéis sociais que os indivíduos assumem quando lhes são transmitidos o(s) nome(s) pelo seu/sua respectivo(a) nominador(a) *quêtti* (para os homens) e *tyj* (para as mulheres). Nesse sentido, cada nome pessoal Krahô “corresponderia a um personagem, isto é, um ser que, embora encarnado em ocasiões diversas por diferentes atores, repete sempre as mesmas ações e mantém sempre as mesmas relações com os seres da mesma espécie” (MELATTI, 1973, p. 19). Esse fato torna-se evidente no rito *jât jôpîn* (tora da batata), o qual é realizado geralmente no mês de abril, em que certos personagens envolvidos na execução das etapas do rito são identificados conforme o seu nome pessoal, como é o caso do personagem *hôxwa* (uma espécie de palhaço), que tem

por função animar a comunidade por meio de gestos jocosos, provocando-lhes o riso.

Apresentamos, na próxima seção, a distribuição dos nomes pessoais masculinos e femininos a partir da divisão *wacmêjê* e *catâmjê* e, em seguida, a distribuição de alguns nomes pessoais masculinos nos grupos que compõem as metades *kâj rum pe caxà* e *harã rum pe caxà*, no rito do *ketwajê*. Mostramos ainda, em §3.1, a correlação entre os nomes pessoais e os personagens do rito *jât jôpî* (tora da batata).

4. Distribuição dos nomes pessoais krahô

No Quadro 1, apresentamos os nomes pessoais masculinos associados a uma das metades *wacmêjê* e *catâmjê*. Em seguida, no Quadro 2, mostramos a distribuição dos nomes femininos. Os nomes pessoais foram registrados conforme são usados nos documentos pelos Krahô. Desse modo, optou-se por seguir a padrão ortográfico da língua e não separar as palavras nos casos em que o nome é composto por mais de uma palavra, como será visto na seção 4, com respeito à estrutura linguística dos nomes pessoais.

Quadro 1 – Nomes pessoais masculinos

Hũmre japyrý (Nomes masculinos)			
Wacmējê japyrý (Nomes Wacmējê)		Catãmjê japyrý (Nomes Catãmjê)	
Hapôr	cabelo de milho	Xôtyc	fruto preto
Xêpým	morcego caído	Crate	perna da paca
Pãnhí	osso da arara	Pêhà	xexeu (pássaro)
Iromtep	mato vermelho	Tehhi	osso da canela da perna
Rophi	osso do cachorro	Xàj	pica-pau
Rontehhò	pelo da perna de tucum	Kôc	camaleão
Wakê	chico preto (ave)	Pàrhý	pimenta
Kràc	pau de terra (árvore)	Cuhêhkê	arco raspado
Krýjtep	papagaio vermelho	Rôrehhò	palha de coco babaçu
Kêncaprêc	pedra laranjada	Krôkrôc	espécie de pássaro
Hũhkop	unha dele	Cacro	quente
Teptyc	peixe morto	Hôhkràkràc	barulho da folha
Cupêhtýc	não índio negro	Hapykrit	rabo arrepiado
Tejjet	peixe pendurado	Pàt	tamanduá
Piikên	dançar (junto)	Yahhe	perna aberta
Ihprý	palha (de milho)	Xêpjaka	morcego branco
Kàj	machado	Hũhtê	mão dele ferida
Kràkãmkruw	flecha na cabeça dele	Jôhi	cóccix
Caprý	vazio	Prehtýc	cinto preto
Xore	raposa	Pêphà	formigão
Hìxwatýc	casco preto da pata	Cuxý	cheiroso
Pôhypej	milho bom	Ahpràcuxwa	chama (de fogo) gostosa
Rôhkrã	cabeça de tucano	Crerô	inhame
Pôhy=krat	pé de milho oco	Pohi	osso do veado
Pôtyt	palha amarrada	Côrã	flor da água
Capran	jabuti	Hôrkãkã	fibra do olho de buriti
Kênkrat	pedra oca	Cupacà	casca de mandioca-cipó
Roptyc	cachorro morto	Ajtà	maribondo de carne
Tuhtê	ferida da barriga	Cacôxen	líquido doce
Côhtetet	água limpa	Ihkôhkrãn	palha de palmito curta
Wewe	borboleta	Hajêhi	osso de algum animal

Cahãj japyrÿ (Nomes femininos)			
Wacmëjê japyrÿ (Nomes Wacmejê)		Catãmjê japyrÿ (Nomes Catãmjê)	
Craxÿ	paca ardilosa	Pytô	urucum
Jôxen	pessoa bondosa	Krãry	cabeça comprida
Pryrê	desvio de caminho	Carãhtu	barriga do veado catingueiro
Mãkrÿt	bico da ema	Wet	calango
Cahhuc	socar	Côcahàc	água falsa
Jôkà	pele da bunda	Incà	sobra (de algo)
Cagãcakê	tirar cobra	Kucatep	rosto vermelho
Kënpej	pedra bonita	Jàt	batata-doce
Ihkror	pintar em forma de círculo	Kwÿrhô	folha de mandioca
Wakÿ	facão	Pôcuhtô	cuspir para fora
Irãhcaprêc	flor laranja (de alguma planta)	Cahtêc	soprar (para encher)
Pyhkîn	gostar de urucum	Hypÿm	semente caída
Pjêhkÿ	terra fedida	Pytêc	mutum

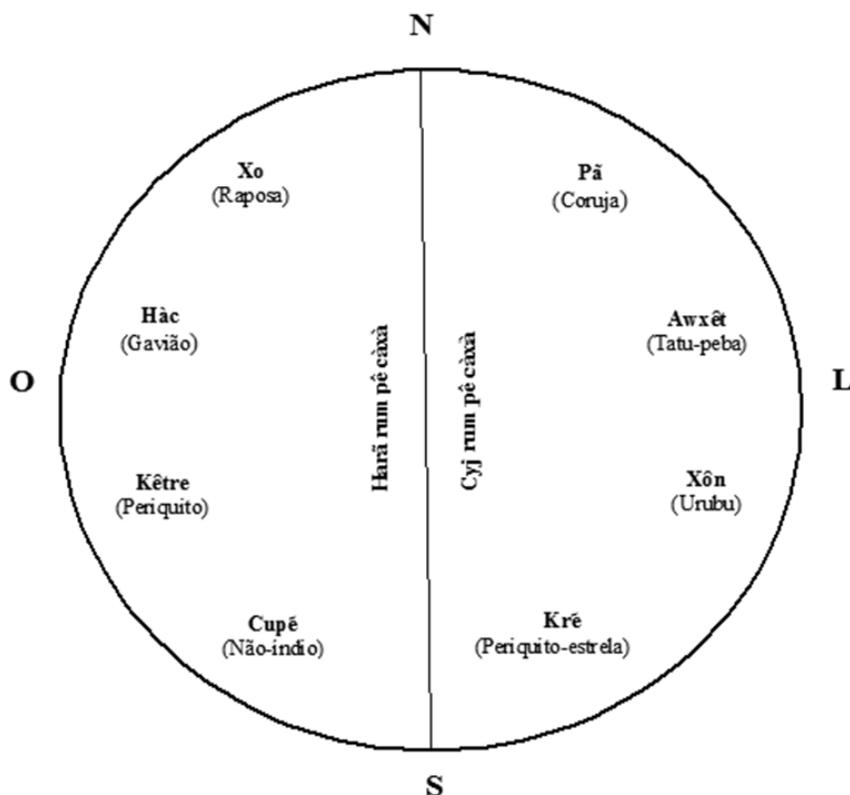
Fonte: autoria própria.

4.1 Distribuição dos nomes pessoais no rito kêtwayê

Como foi mencionado, na seção 3, somente os nomes masculinos associam-se a um dos quatro grupos que constituem cada uma das metades *harã rum pê càxà* (partido

do lado de baixo) e *cÿj rum pê càxà* (partido no lado de cima). Na Figura 1, mostramos a distribuição e a disposição espacial dos oito grupos no rito do *kêtwayê*. Em seguida, nos Quadros 3 e 4, apresentamos os principais nomes pessoais pertencentes a um dos quatro grupos que constituem cada metade.

Figura 1 – Disposição dos grupos no rito kêtwejê



Fonte: MELATTI, 1978.

Quadro 3 – Distribuição dos nomes pessoais no rito kêtwejê

	Harã rum pê càxà (partido do lado de baixo)		
Xo (Raposa)	Hác (Gavião)	Kêtre (Periquito)	Cupe (Não índio)
<i>Krôkrôc</i> - espécie de pássaro	<i>Háčtocot</i> - filhote de gavião	<i>Cahxê</i> - espetar	<i>Pôjtehhô</i> - folha de jatobá
<i>Wakê</i> - chico preto	<i>Tuhtê</i> - ferida da barriga	<i>Piikên</i> - dançar junto	<i>Krahxê</i> - paca assada
<i>Krâhkâmkruw</i> - flecha na cabeça	<i>Ropkur</i> - onça comida	<i>Pôtyt</i> - periquito	<i>Ajehi</i> - tipo de andorinha
<i>Hajêhi</i> - osso de animal	<i>Kâkà</i> - espécie de pássaro, etc.		
<i>Papô</i> - espécie de planta, etc.			

Fonte: autoria própria.

Quadro 4 – Distribuição dos nomes pessoais no rito kêtwejê

Cÿj rum pê càxà (Partido no lado de cima)			
Pã (Coruja)	Awxêť (Tatu peba)	Xôn (Urubu)	Krê (Periquito-estrela)
Hahàkre – final do buraco do pau	Kwÿhcakê – arrancar um bocado	Xêpÿm – morcego caído	Cakró – espécie de vestimenta
Kêncaprêc – pedra laranja	Xwarêť – espécie de formiga	Tehhi – osso da perna	Pôhykrat – pé de milho oco
		Jôhi – cóccix	Hawÿť – broto de pati (espécie de palmeira)

Fonte: autoria própria.

5. Nomes pessoais e papéis sociais na sociedade krahô

Na transmissão de nomes pessoais, o(a) nominador(a) *quetti/tyj* transfere também ao seu nominado *ipantu* certos papéis sociais e cerimoniais que estão vinculados a certos nomes do qual seja seu portador. Esse é o caso, por exemplo, do rito *jât jôpĩ* (tora da batata-doce), o qual é realizado no mês de abril. A finalidade desse rito, antigamente, envolvia a combinação ou a realização de casamentos pelas famílias, que trocavam *kwÿr cupu* (paparutos)⁷ entre si. Como será visto nessa seção, algumas funções são desempenhadas nesse rito conforme o nome pessoal. Não nos foi possível fazer um levantamento exaustivo de todos os nomes pessoais associados aos personagens que têm algum tipo de participação durante a realização do rito. Desse modo, destacaremos somente aqueles principais.

O rito *jât jôpĩ* inicia com o corte da tora de madeira, e não de buriti crow, no dia anterior em que será carregada na corrida entre as metades *wacmêjê* e *catâmjê* que ocorrerá no dia seguinte. Só podem cortar a tora aqueles que possuem o mesmo nome pessoal de *hôxwa*, como veremos adiante. Antes de começar a corrida com as toras, duas crianças são escolhidas aleatoriamente, cada uma associada a uma metade, as quais não têm nomes específicos, e é-lhes dado um soco em cada uma das coxas delas e, em seguida, disputam uma pequena corrida em direção a uma árvore para roer a casca do tronco.

Após a realização da corrida, um indivíduo corre pelo *krĩ cape*, rua em torno da qual as casas estão dispostas, acompanhado por uma de suas parentes, que lhe derrama água sobre o corpo. Esses indivíduos possuem os seguintes nomes pessoais: *Pycajô* (cachamorra), *Pànhac* (arara-gavião),

7. *kwÿr cupu* (paparuto) é uma comida típica krahô preparada com massa de macaxeira e acrescentados pedaços de carne, os quais são envolvidos em palhas de bananeira. É colocada para assar sobre o moquém *kyj* e, em seguida, joga-se terra, a fim de que cozinhe por um certo tempo. Geralmente, o *kwÿr cupu* é preparado no final do dia anterior e retirado do moquém no dia seguinte pela manhã e compartilhado entre os familiares.

Põhyhkrat (pé de milho oco), *Krôkrôc* (espécie de pássaro). A mulher que acompanha esse indivíduo, por sua vez, tem o nome *Potekre* (buraco da perna do veado).

Ao longo da realização do rito, ao final da tarde, inicia-se a etapa em que as batatas são arremessadas, percorrendo o krĩ cape. Essa etapa é acompanhada pela execução de diversas músicas específicas desse rito. Na ocasião, formam-se dois grupos de pessoas: um que atira as batatas e outro que as recolhe. O primeiro grupo é constituído por pessoas que possuem nomes específicos, enquanto no segundo grupo não há especificação quanto ao nome. Entre os membros que constituem o primeiro grupo distinguem-se os seguintes personagens e seu respectivo nome pessoal: *jât hõrcatê* - doador da batata; *Hajêhi* - osso de algum animal; *jât rên catê* - arremessador da batata; *Pykaj* - esperar urucum. Esse grupo é seguido pelo increr (cantor) que tem o nome *Kênkrat* (pedra oca) e pela *hõkrepôj* (cantora), cujo nome pessoal é *Hypòm* (semente caída).

Um dos personagens principais do rito *jât jôpĩ* (tora da batata-doce) é o *hõxwa* (palhaço). Seu aparecimento marca o encerramento da festa à noite no pátio aldeia. O *hõxwa* tem como função animar as pessoas por meio de mímicas, provocando-lhes o riso. Os nomes pessoais, que são identificados como *hõxwa*, são: *Crate* (perna da paca), *Cupõ* (esfregar [algo]), *Ahprac* (dois), *Hapôr* (cabelo de milho), *Krôkrôc* (espécie de pássaro), *Jõhi* (cócix), *Teptyc* (peixe morto), *Pàrhy* (pimenta), *Ahprácuxwa* (chama [de fogo] gostosa). No momento em que as batatas são arremessadas pelo *jâtrên catê* (jogador da batata), os indivíduos que possuem o nome de *hõxwa* não podem estar entre aqueles que as recolhem.

A seguir, na seção 6, destacamos as bases lexicais que servem como fontes para

os nomes pessoais, e analisamos a estrutura linguística e a semântica desses nomes em krahô, com a finalidade de compreender os mecanismos linguísticos, sobretudo as classes lexicais (nome, adjetivo, posposição, verbo) envolvidas no processo de composição de antropônimos, tendo em vista que em alguns casos é empregada mais de uma palavra na formação desses nomes.

6. Estrutura linguística e a semântica dos nomes pessoais krahô

Do ponto de vista linguístico, a constituição dos nomes pessoais krahô tem como base lexical, na maior parte das ocorrências, elementos que se referem ao universo natural, tal como a fauna e flora, bem como itens lexicais que designam partes do corpo ou partes de um todo, tanto de plantas quanto de animais, qualidades e eventos, que se associam prototipicamente às classes de palavras nome, adjetivo e verbo.

Com respeito ao número de palavras envolvidas na composição dos nomes e ao significado que remetem: em (1) apresentamos as que são constituídas somente de um elemento que designam animais e, em (2), as plantas.

1)	ANIMAIS	
	<i>Wet</i>	calango
	<i>Wewe</i>	borboleta
	<i>Kõc</i>	camaleão
	<i>Pât</i>	tamanduá
	<i>Pytêc</i>	mutum
2)	PLANTAS	
	<i>Pytô</i>	urucum
	<i>Jât</i>	batata-doce
	<i>Crerô</i>	inhamé

Além desses, há nomes que se referem atualmente a utensílios da cultura material, como *Wakỳ* (facão) e *Kàj* (machado). Como se pode observar, não são comuns nomes pessoais dessa natureza no repertório krahô, e é provável que tais nomes tenham sofrido mudança semântica em relação aos referentes que originalmente designavam, já que se tratam de objetos que foram introduzidos pelo contato com a sociedade não indígena. Mesmo no caso de *kàj*, que tem a forma derivada *kàjre*, palavra usada para designar a machadinha de pedra semilunar, que é uma das principais personagens do mito de *Hartât*, o significado de machado a ela atribuído pode não corresponder historicamente à sua função na sociedade krahô antes do contato com não indígenas e que tal mudança semântica tenha sido motivada por analogia aos usos que dela são feitos entre os sertanejos da região com os quais os krahô passaram a ter contatos frequentes desde o século XIX.

Os nomes pessoais que são constituídos por mais de um elemento⁸ têm seu elemento central (núcleo) antecedido por um determinante nominal ou seguido por um modificador (adjetivo). A gramática krahô distingue esses dois domínios sintáticos, em que na relação de determinação o segundo elemento é determinado pelo primeiro (DET + NÚCLEO), ao passo que na relação de modificação, o primeiro elemento é modificado pelo modificador, que o segue imediatamente (NÚCLEO + MODIF). A relação semântica estabelecida no primeiro caso envolve partes do corpo ou partes de um todo, como em (3), enquanto no segundo caso a relação de modificação implica na atribuição de uma

qualidade ao nome (núcleo) a que se refere, como nos exemplos em (4).

3) PARTES DO CORPO OU DE UM TODO
(PLANTAS E ANIMAIS)

<i>Pàn=hi</i>	osso da arara
<i>Kra=te</i>	perna na paca
<i>Mã=krỳt</i>	bico da ema
<i>Caràh=tu</i>	barriga do veado catingueiro
<i>Kwỳr=hô</i>	folha de mandioca
<i>Cupa=cà</i>	casca de mandioca- cipó

(4) ATRIBUIÇÃO DE QUALIDADE

<i>Cô=cahàc</i>	água falsa
<i>Cô=tehtet</i>	água limpa
<i>Jô=xen</i>	pessoa bondosa
<i>Krã=ry</i>	cabeça comprida
<i>Kàh=pytĩ</i>	casca pesada
<i>Kẽn=krat</i>	pedra oca
<i>Põhy=pej</i>	milho bom
<i>Krỳj=tep</i>	papagaio vermelho
<i>Kẽn=caprêc</i>	pedra laranjada
<i>Xô=tyc</i>	fruto preto
<i>Xêp=jaka</i>	morcego branco

Observamos casos excepcionais de nomes pessoais que são formados de um elemento designando qualidade, como *Cuxỳ* (cheiroso), *Cacro* (quente) e *Caprỳ* (vazio). Esses itens lexicais, como seria esperado, não ocorreriam isolados, mas em uma relação de modificação, como aqueles apresentados em (4).

Consideramos ainda neste grupo, os nomes pessoais que são formados a partir da

8. Aqui usamos o símbolo = para indicar a fronteira entre as palavras, ainda que na escrita ortográfica usada pelos krahô tais composições não sejam separadas.

combinação de um NOME + NOME DE AÇÃO (MIRANDA, 2010, 2014). A nominalização de temas verbais é uma das peculiaridades mais evidentes da gramática krahô, bem como na maior parte das línguas Jê. Tomemos como exemplo o nome de ação *ty-k* (morto) em (5), o qual é derivado a partir do acréscimo do sufixo *-k* ao tema verbal *ty* (morrer)⁹. Nomes de ação referem-se a eventos e/ou processos relacionados com a base verbal a partir da qual derivaram e equivalem, nesse contexto, ao participio em português, adquirindo funções típicas de adjetivo, como nos exemplos (5).

(5) NOME + NOME DE AÇÃO

<i>Xê=pòm</i>	morcego caído
<i>Pjêh=kỳ</i>	terra fedida
<i>Tep=jêt</i>	peixe pendurado
<i>Rop=tyc</i>	cachorro morto
<i>Hapy=krit</i>	rabo arrepiado
<i>Cuhê(h)=kê</i>	arco raspado
<i>Pô=tyt</i>	palha amarrada
<i>Rop=kur</i>	onça comida

Há nomes pessoais que são formados somente por verbos, como *Cahhuc* (socar), *Cahxêt* (espetar), *Cahtêc* (soprar [para encher]) e *Piikên* (dançar [junto]). Outros nomes, por sua vez, são constituídos pelo verbo e seu complemento (objeto direto), conforme a ordem canônica dos constituintes (S)OV em krahô, isto é, (SUJEITO) OBJETO DI-

RETO + VERBO. Exemplos desse tipo são *Ca-gã cakê* (cobra tirar [tirar cobra]), *Kwỳh cakê* (bocado arrancar [arrancar um bocado]), *Py kîn* (urucum gostar [gostar de urucum]).

Verificamos a partir da amostra coletada que os nomes pessoais são formados a partir das classes de palavras principais da língua, isto é, nomes, adjetivos e verbos. Contudo, o uso de posposições parece não ser tão comum na constituição de nomes pessoais em krahô. O único caso foi *Krã kãm kruw* (cabeça em flecha [flecha na cabeça]), em que ocorre a posposição locativa *kãm* (em).

6.1 Nomes pessoais femininos com kwỳj

Destacamos nesta seção uma peculiaridade quanto à formação dos nomes pessoais krahô, a qual envolve o uso do elemento morfológico *kwỳj*, exclusivo somente para nomes pessoais femininos. Esse elemento é bastante produtivo na formação de nomes pessoais e é exclusivo para essa finalidade. Logo, não deve ser confundido com a expressão da categoria gramatical de gênero, visto que em krahô gênero não é marcado formalmente, mas expresso por meio de outros dispositivos gramaticais. Os nomes pessoais femininos formados pelo elemento *kwỳj* abrangem, sobretudo, itens lexicais referentes a fauna e flora. Esses nomes opõem entre si quanto à filiação às metades *Wacmêjê* e *Catàmjê*, como mostra o Quadro 5.

9. O sufixo nominalizador de nome de ação tem as seguintes formas: *-r*, *-t*, *-n*, *-m* e *-k* (cf. Miranda 2010, 2014). Todavia, nem todos os temas verbais ocorrem com uma dessas formas do sufixo nominalizador e não recebem expressão fonológica, sendo marcado por um morfema zero *-∅*.

Quadro 5- Nomes pessoais femininos com kwỳj

Wacmējê		Catàmjê	
<i>Amxô=kwỳj</i>	rato=FEM	<i>Capêr=kwỳj</i>	bacaba=FEM
<i>Prum=kwỳj</i>	formiga vermelha=FEM	<i>Pàn=kwỳj</i>	arara=FEM
<i>Tereh=kwỳj</i>	pé de jatobá=FEM	<i>Amxy=kwỳj</i>	maribondo=FEM
<i>Cũmtãm=kwỳj</i>	capivara=FEM	<i>Jun=kwỳj</i>	beija-flor=FEM
<i>Cahy=kwỳj</i>	amendoin=FEM	<i>Tôn=kwỳj</i>	tatu=FEM
<i>Pôj=kwỳj</i>	fruto do jatobá=FEM	<i>Wakô=kwỳj</i>	quati=FEM

Fonte: autoria própria.

Ao analisar a estrutura linguística dos nomes pessoais podemos identificar algumas regularidades com relação aos itens lexicais (nomes, verbos, adjetivos) envolvidos no processo de composição. Em relação à extensão dos nomes, percebe-se que a maior parte dos casos não ultrapassa mais que três elementos, ao contrário do que foi observado por Melatti (1976, p. 143), para o qual, às vezes, podem chegar a ser constituídos de sete ou mais palavras.

Na seção a seguir, analisamos, em uma perspectiva pragmática, o evento de transmissão de nomes pessoais como um ato de fala específico, cujo gênero do discurso apresenta certas propriedades específicas para essa finalidade.

7. Teoria dos atos de fala

A teoria dos Atos de Fala desenvolveu-se na interrelação entre a Linguística e a Filosofia Analítica na primeira metade do século XX. Essa teoria tem como seu fundador e principal expoente o filósofo John

Langshaw Austin (1911-1960), que a formulou a partir de suas conferências na Universidade de Harvard, em 1955, reunidas postumamente na obra *How to do Things with Words* (AUSTIN, 1962)¹⁰.

A ideia central da teoria dos atos de fala de Austin (1981) é que o “emitir la expresión es realizar una acción y que ésta no se concibe normalmente como el mero decir algo”¹¹ (p. 47) ou, nas palavras de Levinson (2010, p. 290), “o mundo mudou de maneiras substanciais”. Tomemos como ilustração os seguintes exemplos:

- (6) a. *Hoje choveu pela manhã.*
b. *Prometo que volto cedo.*

Observando enunciados desse tipo, Austin (1990) estabeleceu uma distinção clara entre ambos para criticar as condições de verdade, tidas como essenciais para a compreensão da linguagem pela Lógica Formal, corrente filosófica predominante na Europa na primeira metade do século XX. Desse modo, enunciados como 6(a) declaram so-

10. A edição tomada como referência neste estudo é a tradução espanhola: AUSTIN, John L. *Como hacer cosas con palabras* - Palabras y acciones. Compilado por J. O. Urmson. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

11. Tradução: “emitir a expressão é realizar uma ação e que esta não se concebe normalmente como o mero dizer algo” (AUSTIN 1990, p. 47)

bre algo, enquanto enunciados, como 6(b), permitem realizar ações quando são proferidos, para os quais “a questão de verdade ou falsidade não surge” (LEVINSON, 2010, p. 290). Austin (1990) denominou os primeiros de enunciados de *constativos* e os segundos de enunciados *performativos*, os quais: “A) no ‘describen’ o ‘regístran’ nada, y no son ‘verdaderas o falsas’; y B) el acto de expresar la oración es realizar una acción, o parte de ella, acción que a su vez no sería normalmente descripta como consistente en decir algo” (p. 45-46)¹².

Austin (1962, *apud* LEVINSON, 2010) considerou que enunciados performativos podem dar errado, isto é, não executar a ação esperada. O autor toma como exemplo o batizado de um barco, nomeando-o. O mesmo não pode ser batizado caso já tenha recebido um nome ou a pessoa designada para essa finalidade não seja apropriada. Situações como essa “são necessários certos arranjos institucionais, sem os quais a ação que a enunciação tenta executar é simplesmente nula ou vazia” (LEVINSON, 2010, p. 291). A essas *circunstâncias apropriadas*, Austin (1962) chamou de condições de felicidade, para as quais distinguiu três categorias principais:

- A. (i) Deve existir um procedimento convencional que tenha um efeito convencional;
- (ii) As circunstâncias e as pessoas devem ser adequadas, conforme especificado no procedimento;
- B. O procedimento deve ser executado (i) corretamente e (ii) completamente;

C. Muitas vezes, (i) as pessoas devem ter os pensamentos, sentimentos e intenções requeridos conforme especificado no procedimento, e (ii) se a conduta consequente é especificada, então, as partes relevantes devem ater-se a essa conduta (LEVINSON, 2010, p. 291).

Partindo da premissa que, ao enunciar-mos sentenças, estamos também fazendo coisas, Austin (1990) identifica três tipos básicos de sentidos por meio de três atos que são executados ao mesmo tempo: (i) *ato locucionário*, aqueles que dizem alguma coisa, isto é, “a enunciação de uma sentença com sentido e referência determinados” (LEVINSON, 2010, p. 300); (ii) *ato ilocucionário*, o ato de fazer uma declaração, oferta, promessa, etc., o qual reflete “a ação que se executa quando se fala” (ARMENGAUD, 2006, p. 100); *ato perlocucionário* são os efeitos produzidos nas pessoas às quais são dirigidas a enunciação.

Para os propósitos desse trabalho, não serão enfatizados os desdobramentos da teoria dos atos de fala inicialmente proposta por Austin (1962 [1990]). Propusemo-nos destacar os aspectos e os conceitos centrais de sua teoria que serão adotados na análise do discurso proferido durante o evento de transmissão de nome pessoal. A seção seguinte apresenta a transcrição e a tradução do discurso enunciado, que o caracterizam como um ato de fala específico, segundo suas propriedades linguísticas e função pragmática na cultura krahô.

12. Tradução: “A) não “descrevem” ou “regístram” nada, e não são “verdadeiras ou falsas”; e B) o ato de expressar a oração é realizar uma ação, ou parte dela, ação que por sua vez não seria normalmente descrita como consistente em dizer algo” (Austin 1990, p. 45-46).

8. Transmissão de nome pessoal como um ato de fala

O discurso transcrito e traduzido que apresentamos, a seguir, está organizado como segue. Na primeira linha, indicamos o texto na escrita ortográfica krahô e, na li-

nha seguinte, a transcrição fonética acompanhada da segmentação morfológica, de acordo com os intervalos da fala. Por fim, a tradução do enunciado para a qual buscamos manter as características principais da gramática krahô.

Parte I

*inkrer*¹³

in-k^hrɛ-r

REL-cantar-NOMLZ

canto

Hê nê cumã (2x)

He=nê ku-mã

ENF=con REL-para

E é para ela (a garça)

*wapri*¹⁴ *wapri tê hê nê (2x)*

wapri wapri te he=nê

garça garça aí ENF=CON

Aí é a garça, é a garça

hîpô hîpôc jîpôc cô ri xa=nê (2x)

hîpo hîpôc j-ipok ko Ø-ri Ø-tsa=nê

lago lago REL-no.meio.de água REL-LOC REL-estar.em.pé=CON

E, no meio do lago, ela está em pé na água

Parte II

ha xãm pea mẽ ikra mẽ itàmwxwỳjê

ha tsãm=pea mẽ=i=Ø-k^hra mẽ=i=Ø-tɛmtswə-je

HORT pronto PL=1SG=R¹-filho PL=1SG=REL-filho(a).da.irmã/neto-PL

E pronto! Meus filhos, meus sobrinhos e netos

13. Abreviaturas: 1 – Primeira pessoa; 2 – Segunda pessoa; CLASS.POSS – Classificador possessivo; CON – Conectivo; DUAL – Dual; DUB – Dubitativo; ENF – Enfático; FOC – Foco; HORT – Hortativo; LOC – Posição Locativa NOMLZ – Nominalizador; IRR – Irrealis; OBL – Oblíquo; PL – Plural; REL Prefixo Relacional que tem por função indicar que o determinante encontra-se contíguo ou não ao seu núcleo sintático, formando com ele uma unidade sintática; REFLX – Reflexivo; SG – Singular.

14. A palavra *wapri* corresponde à palavra *capri* (garça) na fala espontânea. Essa mudança da consoante inicial de /k/ ⇒ [w] pode estar associada ao ritmo da fala na música.

mē iwawỳ,

mē=i=Ø-wawə

PL=1SG=REL-cunhado

Meus cunhados

mē imã

mē=i=Ø-mã

PL=1SG=REL-para

ca

ka

2SG

mã

mã

FOC

nã

Ø-nã

REL-sobre

Para os meus (a comunidade) é você que avisa sobre isso (a chegada).

— **wa**

—wa

1.SG

jũ

jũ=Ø-pĩn

INDEF=R¹-de

pĩn

pĩn

de

ijarēn

i=j-arē-n

1SG=R¹-dizer-nomlz

cato (2x)

Ø-katə

REL-sair

— De algum lugar, eu saio dizendo (o dia que vai chegar a pessoa que recebe o nome)

Ahprà

Ø-aʔpre

REL-chama

cuxwa,

Ø-kutswa

REL-gostoso

akamter,

a=Ø-kamter

2SG=REL-filho.rapaz

akra,

a=Ø-k^hra

2SG=REL-filho

apre¹⁵,

a=Ø-pre

2SG=REL-irmão.
da.esposa

awawỳ¹⁶

a=Ø-wawə

2SG=REL-esposo.da.irmã

Chama (de fogo) gostosa, teu filho rapaz, teu filho, teu cunhado

Ahprà

Ø-aʔpre

REL-chama

cuxwa

Ø-kutswa

REL-gostoso

quê

ke

FOC

ha

ha

IRR

ita=kām

ita=k^hām

hoje

pôj

Ø-poj

REL-chegar

Chama (de fogo) gostosa (Nomes pessoal), ele vai chegar hoje.

Ahprà

Ø-aʔpre

REL-chama

cuxwa

Ø-kutswa

REL-gostoso

te

Ø-te

REL-OBL

mã

mã

FOC

ajpēn pamã

ajpēn pa=Ø-mã

DIR 1PL=RELpara

amijĩ jarēn

amijĩ j-arē-n

REFL REL-dizer-NOMLZ

Foi Chama (de fogo) gostosa que disse para nós mesmos

Cu

ku

1PL/DUAL

pahťj

paʔ=Ø-təj

1PL=REL-dever/poder

pahcunĩ

paʔ=Ø-kunĩ

1PL=REL-todos

pê

Ø-pe

REL-LOC

mã

mã

FOC

hikaj

h-ikaj

REL-esperar

Nós todos podemos esperá-lo é nela (na aldeia).

15. Termo usado para referir-se indiretamente ao irmão da esposa de ego masculino.

16. Usa-se este termo para designar a forma recíproca com a qual o irmão da esposa dirige-se indiretamente ao esposo dela.

Ahprà	cuxwa	quê	ha	pôj	pahwÿr	mãrhã
Ø-aʔprɛ	Ø-kutswa	ke	ha	Ø-poj	paʔ=Ø-wər	mãrhã
REL-chama	REL-gostoso	ENF	IRR	REL-chegar	1PL=REL-em.direção.de	DUB

jũ	ri	hõ	krĩ
jũ=Ø-ri		h-õ=k ^h rĩ	
INDEF=REL-de		REL-CLASS.POSS=aldeia	

Chama gostosa vai chegar no rumo de nós talvez de algum lugar, da aldeia dele.

Quê	ha	pamã	hõ	krĩ	jarẽ
ke	ha	pa=Ø-mã	h-õ=k ^h rĩ		j-arẽ
ENF	IRR	1PL=REL-para	REL-CLASS.POSS=aldeia		REL-dizer

É ele (Aʔpfa *cuxwa*) que vai dizer a aldeia dele para nós

Cu	ha	hõ	krĩ	jahkrepej
ku	ha	h-õ=k ^h rĩ		j-aʔk ^h rɛpɛj
1PL/DUAL	IRR	REL-CLASS.POSS=aldeia		REL-saber

Nós vamos saber da aldeia dele

mẽ	mã	cu	ha	ra	amjĩ	wÿr	mẽ	hahkrepej	pej
mẽ	mã	ku	ha	ra	amjĩ	Ø-wər	mẽ=h-aʔk ^h rɛpɛj-Ø		pej
PL	FOC	1PL/DUAL	IRR	já	REFLX	REL-em.direção.de	PL=REL-saber-NOMLZ		bem

Nós já vamos saber bem dele na direção de nós mesmos (quando ele vier em nossa direção)

mã	cu	ha	ramã	amẽ	papa	kãm
mã	ku	ha	ramã	amẽ	pa=Ø-pa	Ø-k ^h ãm
FOC	1PL/DUAL	IRR	já	COL	1PL=REL-ficar	REL-LOC

Nós que já vamos ficar juntos (em algum lugar)

ramã	ate	mẽ	ipar
ramã	a=Ø-te	mẽ=i=Ø-pa-r	
já	2SG=REL-OBL	PL=1SG=REL-escutar-NOMLZ	

E vocês já me escutaram

17. A prática de carregar as pessoas que receberão nomes evidencia um sistema de troca de presentes, ou seja, a pessoa carregada passa a ter uma “dívida” que deverá ser paga com presentes a fim de recompensar o esforço de ter sido carregado, uma vez que nem todas as pessoas dispõem-se a tal tarefa.

Para fins de análise, dividimos o discurso proferido de transmissão de nome pessoal em duas partes: a primeira caracteriza-se por ser cantada e serve como um exórdio ao discurso que é entoado em seguida, marcado por uma cadência melódica distinta da fala espontânea, enquanto a segunda constitui o discurso propriamente dito. Para os propósitos deste artigo, destacaremos algumas partes que caracterizam tal discurso como um ato de fala específico.

O rito de nomeação de não indígenas inicia-se logo cedo, quando a pessoa que receberá o nome é carregada nas costas pelas pessoas que se revezam e é levada ao córrego mais próximo para o banho. O nomeado é carregado por pessoas do sexo oposto, ou seja, os homens são carregados pelas mulheres e as mulheres pelos homens¹⁷. Solicita-se que a pessoa mergulhe na água e, em seguida, o executor do rito profere algumas palavras. Após esse momento, carrega-se novamente nas costas a pessoa em direção ao pátio da aldeia *cá*, no qual é cortado o cabelo, de acordo com o modo tradicional krahô por uma das parentes. Em seguida, o corpo é pintado com urucum, conforme a orientação da pintura da metade (horizontal = *catãmjê*; vertical = *wacmẽjê*) e são gru-

dados penas no corpo com pau de leite. Depois dessas etapas, formam-se duas fileiras no pátio da aldeia no sentido norte-sul. A pessoa que recebe o nome é tomada na mão esquerda pelo seu nominador e na mão direita pelo executor do rito, os quais passam entre as filas de duas a três vezes. Terminado esse momento, o executor do rito profere as seguintes palavras: *Agora você vai chamar este(a) de teu/tua quêtti/tyj e ele(a) vai te chamar de ipantu*. O enunciado proferido identifica-o como um ato ilocucionário, a partir do qual o ato de fala de transmissão do nome pessoal é realizado.

Diferente de outras línguas que possuem verbos específicos para tal ato, como em português “batizar” ou “nomear”, e executado por pessoas específicas, na sociedade krahô, além do mestre do rito, essa ação é transferida e desempenhada pelos indivíduos envolvidos no evento, isto é, *quêtti/tyj-ipantu*, numa relação de reciprocidade em que ambos passam a se chamar/tratar por esses termos. Esse ato de fala demonstra que “o mundo mudou de maneiras substanciais” (LEVINSON, 2010, p. 290). Para finalizar o rito, a pessoa nominada recebe vários presentes da comunidade à qual passa a partir de então a pertencer.

18. A relação de reciprocidade, que marca o vínculo entre nominadores e nominados, não é expressa no ato ilocucionário de nomeação de indivíduos Krahô. Isso se explica pelo fato de as crianças recém-nascidas serem nominadas após seu nascimento, ao contrário de outros povos Jê, como, por exemplo, entre os Xavante, em que a criança não pode receber um nome logo que nasce, pois “o nome é uma carga pesada demais para o seu corpo frágil, ‘mole’, que acabará adoecendo até morrer” (SILVA 1986, p. 65).

Figura 2. Transmissão de nome a Roberto Dalmo, Aldeia Nova



Fonte: Foto de Roberto Dalmo, 2015.

É importante destacar a relação temporal marcada pelo advérbio *agora*, cuja ocorrência sinaliza um divisor entre o *antes* e o *depois* do ato. Como podemos notar, ao contrastar a transmissão de nome a não indígenas com a de indivíduos nascidos no grupo, o *ato ilocucionário* difere quanto aos procedimentos convencionalizados, mas apresenta as mesmas características linguísticas, conforme menciona Melatti (1978, p. 115):

O nome é dado dentro de casa, depois que o recém-nascido toma seu primeiro banho. Diz o transmissor do nome: *Agora esse (essa) aí é meu (minha) ipantu' (grifos nossos)*. O transmissor deve ir à casa da criança logo depois do nascimento, para doar seu nome. Se mora em outra aldeia, deve recomen-

dar que seu nome seja atribuído à criança, ao nascer, se for de seu sexo. Se o nome dado for Wakmejë, um líder da metade dá seu grito característico, na praça, de manhã, depois do sol nascer; se o nome for Katamyé, um dos líderes desta metade faz o mesmo, mas antes do sol sair.

Embora a pessoa nominada passe a pertencer à complexa rede de parentesco, o discurso proferido na nomeação de não indígenas também é marcado pela relação espacial, cujo contraste se dá entre os que vivem no espaço da(s) aldeia(s) e aqueles que não vivem, mas se acham ligados a ela(s) a partir da nomeação, conforme se verifica no seguinte trecho.

— *wa jũ pĩn ijarẽn cato (2x)*
 — wa jũ=Ø-pĩn i=j-arẽ-n Ø-kato
 1SG INDEF=REL-de 1SG=REL-dizer-NOMLZ REL-sair
 — De algum lugar, eu saio dizendo (o dia que vai chegar a pessoa que recebe o nome)

Ahprà cuxwa, akamter, akra, apre,
 Ø-aʔpre Ø-kutswa a=Ø-kamter a=Ø-k^hra a=Ø-pre
 REL-chama REL-gostoso 2SG=REL-filho.rapaz 2SG=REL-filho 2SG=REL-irmão.da.esposa

awawỳ

a=Ø-wawə

2SG=REL-esposo.da.irmã

Chama (de fogo) gostosa, teu filho rapaz, teu filho, teu cunhado

Ahprà cuxwa quê ha ita kãm pøj
 Ø-aʔpre Ø-kutswa ke ha ita=k^hãm Ø-poj
 REL-chama REL-gostoso ENF IRR hoje REL-chegar
 É Chama (de fogo) gostosa (Nomes pessoal) que vai chegar hoje.

Além de marcar a ausência da pessoa nominada, no espaço da aldeia, já que esta é não indígena, o discurso ainda revela a preocupação dos Krahô em manter as relações estabelecidas com seus “novos” mem-

bro, uma característica bastante peculiar do povo, demonstrada pela necessidade de saber o lugar de origem do nominado, a fim de obter informações quando este passa algum tempo sem visitar seus parentes *mẽhĩ*.

Quê ha pamã hõkrĩ jarẽ
 ke ha pa=Ø-mã h-o)=k^hrĩ j-arẽ
 ENF IRR 1PL=REL-para REL-CLASS.POSS=aldeia REL-dizer
 É ele (Aʔpfa cuxwa) que vai dizer a aldeia dele para nós

Cu ha hõkrĩ jahkrepej
 ku ha h-õ=k^hrĩ j-aʔk^hrepej
 1PL/DUAL IRR REL-CLASS.POSS=aldeia REL-saber
 Nós vamos saber da aldeia dele

O discurso da nomeação de não indígenas cumpre pragmaticamente seu papel no rito em questão, ao combinar elementos linguísticos com procedimentos convencionais executados durante a sua realização, ainda que difira em certos aspectos do rito em que são transmitidos os nomes pes-

soais aos indivíduos indígenas nascidos no grupo. Nesse aspecto, algumas questões devem ser consideradas quanto à (i) existência de possíveis variações no discurso de nomeação entre as aldeias ou outros povos Timbira, ainda que o modo como é executado seja em princípio o mesmo, e (ii) às diferen-

ças com respeito às etapas e à organização interna do discurso proferido na nomeação daqueles que nascem no interior do grupo, em oposição aos não indígenas ou indígenas de outras aldeias.

Considerações finais

Exploramos, neste artigo, o rito de transmissão dos nomes pessoais, destacando a nomeação de não indígenas a partir da análise do discurso proferido durante o rito na perspectiva da *Teoria dos atos de fala* (AUSTIN, 1990). Em um primeiro momento, discorreremos sobre o campo de estudo da onomástica e, em seguida, ressaltamos o papel que a nomeação dos indivíduos desempenha nas sociedades Jê, embora apresente diferenças quanto às regras de transmissão e às funções que exercem na vida política e sociocultural desses povos. Nesse sentido, mostramos como a transmissão dos nomes pessoais está intimamente relacionada com a organização da sociedade krahô, a qual é dividida em duas metades principais – *catãmjê* e *wacmêjê*. A cada metade é associada uma série de nomes pessoais, como observou Melatti (1973, 1976, 1978). Ilustramos a filiação dos nomes a cada umas dessas metades e como alguns deles encarnam “personagens” em determinados momentos da vida social e ritual, conforme observou Melatti (1976).

Ao lado desses aspectos socioculturais da onomástica (antroponímia) krahô, descrevemos e analisamos os mecanismos linguístico-gramaticais envolvidos no processo de composição dos nomes pessoais, as classes de palavras que podem se combinar e as relações semânticas estabelecidas nesse processo. Conceber o rito de nomeação krahô como um ato de fala implica compreendê-lo de que modo, a partir desse evento,

ocorre a instauração de uma complexa rede de relações recíprocas e de evitação, que são operadas e reguladas no domínio dos nomes pessoais, dos quais o indivíduo seja portador – como são as relações entre parentes próximos e a amizade formal.

A onomástica krahô, por meio de seus antropônimos, constitui-se uma das principais vias para compreendermos os princípios sociais e culturais que regem a organização dessa sociedade e os modos de agir de seus membros entre si e em distintos eventos de fala. O enfoque pragmático possibilitou-nos compreender várias nuances envolvidas na transmissão de nomes pessoais, revelando padrões e práticas sociais institucionalizadas na sociedade krahô. Este estudo, portanto, representa uma contribuição aos estudos sobre essa sociedade que, apesar de estar em contato com a sociedade não indígena desde a primeira metade do século XIX, ainda mantém e realiza boa parte de seus ritos, como estratégia de resistir às pressões externas que vêm sofrendo nos últimos anos.

Referências

- ALGEO, J. ALGEO, K. Onomastics as an interdisciplinary study. *Names*, n. 48, p. 265-274, 2000.
- AUSTIN, J. L. *Como hacer cosas con palabras - Palabras y acciones*. 3ª reimpressão. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.
- ARMENGAUD, F. *A pragmática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- CROCKER, W. H. *Os Canelas: parentesco, ritual e sexo em uma tribo da chapada maranhense*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.
- BRIGHT, W. What is a name? Reflections on Onomastics. *Language and Linguistics*, n. 44, p. 669-681, 2003.
- LADEIRA, M. E. *A troca de nomes e a troca de cônjuges – uma contribuição ao estudo do parentesco Timbira*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – FFCLH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

LEA, V. R. **Riquezas intangíveis de pessoas par-tíveis: os Mëbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central.** São Paulo: Edusp e Fapesp, 2012.

_____. **Mebengokre (Kayapo) Onomastics: a faceta of house as total social facts in Central Brazil.** *Man, New Series*, v. 27, n. 1, p. 129-153, 1992.

_____. **Nomes e nekrets Kayapó: uma concepção de riqueza.** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro. PPGAS- Museu Nacional/UFRJ, 1986.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1982.

LEVINSON, S. C. **Pragmática.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MAYBURY-LEWIS, D. **Dialectical Societies - The Ge and Bororo of Central Brazil.** Cambridge: Harvard University Press, 1979.

MELATTI, J. C. **Ritos de uma tribo Timbira.** São Paulo: Ática, 1978.

_____. **O sistema de parentesco dos índios Krahó.** Série Antropologia n. 3. Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 1973.

_____. **Nominadores e genitores: um aspecto do dualismo craó.** In: SCHADEN, E. (Org.). **Leituras de etnologia brasileira.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 139-148.

MIRANDA, M. G. **Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (família Jê, tronco Macro-Jê).** 2014. 323f. Tese (Doutorado em Linguística) – PPGL, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

_____. **As nominalizações na sintaxe da língua Krahô (Jê).** 2010. 96f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – PPGL, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

NIMUENDAJÚ, C. **The eastern Timbira.** Berkeley & Los Angeles: University of California Publications in American Archeology and Ethnology, 1946.

SILVA, A. L. **Nomes e amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê.** São Paulo: FFLCH/USP, Série Antropologia n. 6, 1986.

UTLEY, F. L. **The linguistic component of onomastics.** *Names*, n. 11, p. 145-176, 1963.

VEIGA, J. **Aspectos fundamentais da cultura Kaingang.** Campinas, SP. Editora Curt Nimuendajú, 2006.

RESUMO

Este artigo analisa, do ponto de vista semântico-pragmático, os nomes pessoais krahô, e os modos como eles refletem alguns traços da organização social do povo como um todo. É mostrada a distribuição dos nomes masculinos e femininos nas metades principais, *wacmējê* e *catàmjê*, e sua relação com determinados papéis sociais desempenhados em alguns ritos. Destaca-se também que o rito de nomeação, como um ato de fala, é caracterizado na sociedade krahô não apenas como a particularização de um indivíduo dentro do grupo, mas envolve na mesma medida a transmissão de certas prerrogativas sociais que acompanham o nome pessoal, semelhante ao que é observado em outras sociedades Jê.

PALAVRAS-CHAVE

Onomástica. Antroponímia. Nomeação. Rito. Krahô.

ABSTRACT

This paper analyzes, from the semantic-pragmatic point of view, the personal names krahô, and the ways in which they reflect some traces of the social organization of the people as a whole. It shows the distribution of male and female names in the main halves, *wacmējê* and *catàmjê*, and their relation to certain social roles played in some rites. It is also noted that the rite of nomination, as an act of speech, is characterized in krahô society not only as the particularization of an individual within the group, but also involves the transmission of certain social prerogatives that accompany the personal name, similar to which is observed in other Jê societies.

KEYWORDS

Onomastics. Antroponymy. Nomination. Rite. Krahô.

Recebido em: 31/10/17

Aprovado em: 19/12/17